

FANZINAGEM FILOSÓFICA SOBRE O MEDO DA MORTE

uma percepção da *Apologia de Sócrates* (28a-30d)¹

Everton Marcos Grison
Mestre PROF-FILO/UFPR

RESUMO: O artigo em questão é uma proposta de pesquisa, leitura, análise, discussão e produção de fanzines a partir de um trecho da obra de Platão: *Apologia de Sócrates*, excerto de 28a a 30d, no qual o tema da morte, tendo como base a experiência de Sócrates, é desenvolvido. Após defender-se das acusações e ser condenado à morte, o filósofo argumenta que ter medo da morte é o equivalente a pressupor-se sábio sobre aquilo que não se é. Tal pesquisa leva em conta a proposta investigativa construída no curso de extensão: *Os filósofos e o Medo da Morte*, organizado pelo professor Dr. Francisco de Moraes, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E este estudo, por sua vez, unifica o texto filosófico e a produção de fanzines como possibilidade de reflexão sobre o tema do medo da morte.

Palavras-chaves: Filosofia; morte; fanzine.

ABSTRACT: The article in question is a proposal for research, reading, analysis, discussion and production of fanzines from an excerpt from Plato's work: *Socrates' Apology*, excerpt from 28a to 30d, in which the theme of death is developed based on Socrates's experience. After defending himself against accusations and being condemned to death, the philosopher argues that being afraid of death is equivalent of assuming to be wise about what you are not. This study unifies the philosophical text and the production of fanzines as possibilities for reflection on the theme of fear of death.

Keywords: Philosophy; death; fanzine.

¹ Uma versão parcial deste estudo foi discutida no X Colóquio Internacional de Filosofia e Educação: afirmar, inventar, re-existir – o que pode uma educação filosófica?, realizado remotamente em outubro de 2020 devido a pandemia da Covid-19, pelo Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

1. Introdução

A discussão sobre o tema da morte é antiga e muito intriga o ser humano. Este evento constante e de contato com todas as pessoas, seja com maior ou menor intensidade, impulsiona a todos pensarem sobre uma infinidade de questões e significações distintas. O que é a morte? Qual sua relação com a vida? Como a morte se faz presente na vida das pessoas? Por que existe tanto medo da morte? Como o medo da morte pode alterar a maneira como as pessoas entendem a sua própria maneira de viver?

Essas e outras perguntas se fazem presentes quando se trata da morte e, levando em consideração a situação mundial de pandemia da Covid-19, as reflexões sobre o tema se tornam diárias e muito latentes. A partir disso, o curso de extensão: *Os filósofos e o Medo da Morte*, organizado pelo professor Dr. Francisco de Moraes, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), se propôs a pensar o tema, a partir de recortes textuais e reflexivos no âmbito da filosofia, desde a Grécia Antiga com Platão, até chegar ao contemporâneo Martin Heidegger.

O organizador do curso lançou a provocação que os cursistas, para além de pensarem conjuntamente com os filósofos o tema do medo da morte, ampliassem a discussão de âmbito acadêmico, investigando possibilidades de desdobramentos das reflexões no ensino de filosofia na educação básica. A partir dessa provocação o cursista Everton Marcos Grison lançou-se ao desafio de pensar o tema no âmbito do ensino de filosofia, levando em consideração sua experiência docente nesse âmbito de ensino.

Com o distanciamento social devido à Covid-19 e as dificuldades múltiplas do ensino remoto nesses tempos, a proposta de pesquisa, leitura, análise, discussão e produção de fanzines do trecho da obra de Platão “Apologia de Sócrates”, excerto de 28a à 30d teria dificuldades de ser realizada. Entretanto, com a exímia ajuda dos ex-alunos do ensino médio; Gabriel Fernando de Oliveira, Isabella Vicenzi Kratchei, Letícia Bettega, Maria Eduarda Ritter, Maria Vitória de Souza Ribeiro Dias e Willian Schenfeld Calvario, todos universitários de diferentes cursos e que já conheciam a dinâmica de produção dos fanzines de outros contextos, foi possível conciliar a pesquisa no âmbito da filosofia e as artes e outras linguagens, como desenhos, recortes, colagens e produção gráfica, em conexão com o texto filosófico.

O mais interessante é que nessa proposta não se tratou apenas de um professor que apresentou um texto e solicitou aos seus alunos que fizessem uma adaptação do

mesmo para a dinâmica do fanzine. Todos fizeram parte de uma concepção de pesquisa que se constitui pela percepção da coautoria, que não estabelece patamares de hierarquização entre aqueles que sabem mais e aqueles que sabem menos. Isso significa que o texto platônico foi lido e debatido entre todos os envolvidos de forma remota. As produções dos fanzines foram elaboradas por cada autor e autora e o texto final do artigo recebeu colaborações de todos e todas. Está em questão, portanto, na esteira de Sócrates, o fato de que todos pouco sabem de tudo, mas estão provocados a buscar o saber, a dialogar sobre o que se apresenta e, dessa maneira, propor diferentes leituras de textos e conceitos de filosofia.

Portanto, esta proposta é a materialização da pesquisa feita a muitas mãos por pessoas que são impactadas pelo tema do medo da morte, não no sentido do medo que paralisa e não permite a reflexão. Pelo contrário, trata-se da atividade provocativa que quer perceber, entender, dialogar e expressar possibilidades de leitura e análises filosóficas sobre o medo da morte. Para isso, nada melhor que a conexão entre o texto clássico e a proposição artística do fanzine.

2. A Apologia de Sócrates e o tema da Morte em 28a-30d

O livro *Apologia de Sócrates* ocupa um espaço muito singular entre os diálogos platônicos. Nele se apresenta todo o processo de acusação, defesa e condenação de Sócrates, a partir de um arranjo argumentativo promovido por oradores que lhe imputam os crimes de perversão dos jovens e de ateísmo. Este julgamento

[...] ocorrido em 399 a.C, em Atenas, é um dos fatos históricos mais importantes da Grécia Antiga. É possível dizer que a importância desse acontecimento foi percebida já na época em que ele se deu, com o surgimento de um número razoável de textos que abordavam a figura desse sábio excêntrico, condenado à morte por impiedade e por corromper os mais jovens. (MALTA, 2010, p. 11)

Para além de sua importância histórica este diálogo pode representar uma porta de iniciação às leituras da obra platônica. Sua estruturação, a clareza das proposições e a temática abordada preservam uma certa jovialidade no texto, pois seus debates internos refletem sobre questões que permanecem abertas e presentes nos diferentes contextos da realidade.

O foco neste estudo se concentra em uma passagem muito importante do texto platônico “Apologia de Sócrates”, isto é, o trecho 28a-30d em que Sócrates, após todo o desenvolvimento de seu julgamento faz afirmações muito contundentes sobre todo o processo e o tema da morte. Nesse trecho, Sócrates deixa claro que será condenado pelo ódio que sentem contra ele e isso não se findará com sua morte. Trata-se, portanto, de um posicionamento que atinge a atividade filosófica de Sócrates no interior da sociedade grega, desconfigurando a singularidade dos discursos embebidos em problematizações acerca de como se deve viver.

A questão propriamente, não está no fato concreto do viver ou do morrer, mas se cada um procedeu enquanto pode, de acordo com a justiça ou de forma injusta durante a vida. Uma vida justa e que vale pelo tempo que dura, do ponto de vista físico, está alicerçada ao corolário do exame constante daquilo que rege e impulsiona as escolhas e decisões de cada indivíduo. Uma vida justa, portanto, é uma vida que vale a pena ser vivida, pois ela não se furta das dificuldades desse desafio, ou seja, da grandiosidade de se construir uma existência que não agrade banalmente aos outros, mas seja o coroamento singular da reflexão.

Essa visão de vida enquanto atividade pensante vai ao encontro da filosofia, este exercício de exame de si e dos outros, sem o intuito de julgamentos apressados. Sócrates deixa claro que viver sem examinar, sem questionar e buscar uma existência filosófica, seja por motivos outros ou pelo medo da morte, representaria uma reprimenda e desagradaria os próprios deuses.

Nesse ponto, Sócrates apresenta a discussão que conecta o tema da morte com uma espécie de “honestidade intelectual”, isto é, o comportamento próprio daqueles que não se impulsionam a falar sobre aquilo que desconhecem. O honesto, e Sócrates pode ser visto como um exemplo muito interessante, não teme a morte, pois ter medo da morte é o equivalente a considerar-se sábio sem sê-lo. Não há uma convicção plena sobre a representação da morte e, portanto, se colocar no patamar de sábio é o mesmo que iludir a si e aos outros sobre um ponto desconhecido.

A partir disso, ela pode representar um bem ou o maior dos males, mas como não é possível afirmar com certeza o que se passa no pós morte, o filósofo não vive em meio a utopias sobre este conhecer. Entretanto, lhe é dada a opção de manter-se vivo, desde que rechace a filosofia de uma vez por todas. Sócrates rejeita veementemente essa

proposta. Para ele, nessa situação, ou seja, viver sem o comportamento constante do raciocínio, do diálogo e do exame, a morte é preferível ao viver distante da filosofia. Mesmo que seja necessário morrer mil vezes, Sócrates permanecerá atado a uma vida em prol da filosofia do aperfeiçoamento da alma, para o ódio de seus acusadores que buscavam o seu silenciamento consentido.

3. A Produção de Fanzines a partir da Leitura, Análise e Discussão do Texto Filosófico

Construído esse cenário, a partir do texto clássico de Platão sobre Sócrates e da ideia de que temer a morte é pressupor-se sábio sobre aquilo que não se é, a pesquisa se encaminhou para o segundo momento, etapa que representa a compreensão propriamente do texto, a partir de um diálogo em sentido bastante socrático, no qual não se partem de certezas dogmáticas, pelo contrário, munidos pela ânsia da busca pelo saber e pelo aperfeiçoamento da alma. Este segundo momento é coroado pela leitura do texto, análise, discussão e produção de fanzines², que se impõem a tarefa complexa de tornar concreto, a partir de uma proposta artística, as reflexões que o texto suscita.

Muitas poderiam ser as manifestações artísticas ou maneiras de traduzir o texto para outra forma de linguagem, que não a sua estruturação originária. Levando em conta os estudos pioneiros de Magalhães (1993) e (2013), como as reflexões de Muniz (2010) e Andraus (2013), e as pesquisas realizadas sobre os fanzines como técnicas e temas próprios do ensino de filosofia (GRISON, 2018), entendeu-se que os fanzines forneciam a melhor oportunidade para tal realização, visto que demandam poucos recursos e a socialização dos resultados não exige instrumentais específicos. Para além disso,

levando em conta o momento que se passa de uma pandemia de Covid-19, os fanzines são formas de percepção e reflexão sobre temas variados, no caso deste estudo, acerca do tema do medo da morte.

² Os fanzines são publicações com temáticas artísticas dirigidas a diferentes pessoas e grupos. São publicações sem fins lucrativos, realizadas de forma artesanal e em pequenas tiragens, a partir da utilização de recortes de imagens, colagens, desenhos, pinturas, utilização de pequenos trechos de textos, que defendem a liberdade de expressão dos seus produtores, as trocas de informações, o exercício artístico e as reflexões críticas. O termo fanzine se origina a partir das palavras inglesas “fanatic” e “magazine”, significando, portanto, a revista do fã.

Cada fanzine produzido é acompanhado de um texto de análise dos autores e autoras, no sentido de apresentar os materiais e técnicas que foram utilizadas e refletindo sobre a obra produzida. É uma oportunidade de variadas frentes de reflexão: 1 – o tema do medo da morte perpassa o texto de referência e a produção dos fanzines; 2 – as escolhas próprias na produção artística, que refletem as opções da autoria da obra, suas tendências e intenções; 3 – a oportunidade própria em refletir sobre as escolhas e impactos estéticos que o tema e a obra representam nos mais variados contextos, entre outros apontamentos.

Na sequência, são apresentados os fanzines e a análise textual de cada autor. Optou-se por não seguir um critério rígido na disposição das produções. Para fins de organização as criações foram dispostas em uma sequência, que leva em conta a ordem alfabética do nome de seu autor.

3.1 Os Fanzines e as produções textuais

Fanzine I – Autoria: Gabriel Fernando de Oliveira³



Figura 1: Gabriel Fernando de Oliveira

³ Graduando em Ciências Contábeis pela UniSantaCruz – Curitiba, Paraná. E-mail: gorbryfer@hotmail.com.

Morte por Conhecimento

Em determinados locais no Mundo pessoas morrem e já morreram referente às suas maneiras de pensar e de agir, de serem quem realmente são. Na fanzine representada, consegue-se notar a retratação do tema abordado anteriormente, através dos atos terroristas (representados como a morte) atribuídos às pessoas que não são praticantes da religião dos mesmos.

Na antiguidade os filósofos morriam por terem uma maneira diferente de pensar, de agir e de ensinar. Um grande exemplo é Jesus Cristo, que foi morto pelo povo e governantes da época. Também pode ser visto no texto “Apologia de Sócrates” no trecho “vamos absolver-te, com a condição de parares com essa instigação e não te dedicares de hoje em diante a filosofia; porém se fores mais uma vez apanhado nessas práticas, morrerás por isso”. A arte foi feita a mão com apenas um lápis e uma borracha, a fanzine demonstra traços detalhados e áreas sombreadas, podendo demonstrar a obscuridade referente ao assunto.

Fanzine II – Autoria: Isabella Vicenzi Kratchei⁴



Figura 2: Isabella Vicenzi Kratchei

⁴ Graduanda em Análise e Desenvolvimento de Sistemas pela UniCesumar – Curitiba, Paraná. E-mail: isabellavk@hotmail.com.br.

A coloração do fundo, em tom acinzentado, representa o desânimo em torno da busca pelo conhecimento, ao qual será abordado mais para frente. A coloração das mãos se encontra em maior destaque, pois representa a opressão da sociedade contra aqueles que buscam constantemente o aprendizado. A coloração pálida, por assim dizer, da menina representa o estado de ânimo daqueles que buscam o pensamento crítico, o conhecimento, a ciência nos dias atuais. Os “X”s que se encontram nos olhos da menina, assim como o pano em sua boca, representam a vontade da sociedade opressora, bem como daqueles detentores de poder, em calar e/ou matar a busca pela ciência e pela criticidade. Os balões de diálogos, como vistos na fanzine, representam toda a manifestação de ódio em torno da população que faz parte da ciência, que pesquisa, que estuda, que está em constante movimento reflexivo. E por último, a coloração em maior destaque da camiseta da menina, em tom de verde, que simboliza em meio a todo o caos, a esperança de que por mais que tentem nos sufocar, nunca matarão o desejo profundo de buscar o saber, de buscar a análise crítica ao qual a filosofia nos oferece.

Atualmente, vivemos dias difíceis onde a ciência é desvalorizada e o achismo é exaltado, principalmente por líderes de nações, ao qual possuem grande poder nas palavras. É preciso exercer a análise crítica dos fatos, é preciso lutar contra a sociedade que tenta nos anular com violência, com agressões morais. Além de tudo isso, é preciso coragem, força e muito barulho, para que não matem nosso futuro, que é a ciência, que é a comunidade científica, o pensamento crítico, que somos nós.

Fanzine III – Autoria: Letícia Bettega⁵

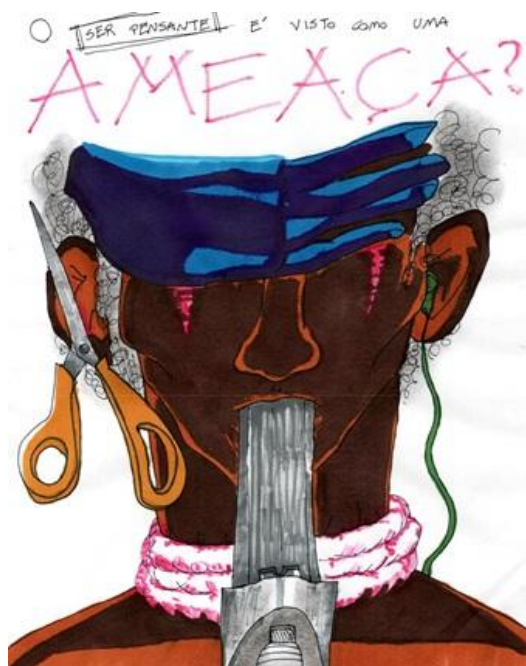


Figura 3: Letícia Bettega

O meio de comunicação está sendo estampado cada vez mais aos meios externos, sejam eles políticos, influenciadores ou as fakenews. A cor negra é a mais afetada pela população brasileira, sofrendo injúrias raciais e sendo duvidadas pela sua capacidade, mesmo com tantos avanços atuais. Logo, um ser pensante é visto como uma ameaça?

É uma questão aplicada na figura, demonstrando uma arma na boca (representando o impedimento da comunicação e opinião construtiva); a orelha sendo cortada pela tesoura amarela (ouro na bandeira brasileira cortando a fonte auditiva da informação) e fone de ouvido verde (a mata na bandeira inibindo sons para tampar o “barulho” externo); uma mão azul tampando os seus olhos (o céu cobrindo a visão do ser), a corda sufocando-a e a cor vermelha nas regiões específicas no seu corpo (lágrimas de sangue da força do agressor). Além disso, destaca-se a palavra “ser pensante” numa caixa em branco, apontando ao personagem na arte e a “Ameaça” com tipografias na estética do grotesco, chamando a atenção. Por fim, todos esses

⁵ Graduanda em Design Gráfico pela UniCuritiba – Curitiba Paraná. E-mail: leticiabettega@hotmail.com.

GRISON, Everton
Fanzinagem filosófica sobre o medo da morte

caminhos levam à morte, fazendo o público refletir com a pergunta exibida na arte acima.

Fanzine IV: Autoria: Maria Eduarda Ritter⁶



Figura 4: Maria Eduarda Ritter

A fanzine aborda o medo do desconhecido, relacionado à morte, para a qual até hoje buscam-se explicações para o que ocorre no pós vida, e se há algo depois da morte. A figura do caronte, o barqueiro dos mitos gregos que simboliza a passagem da vida após a morte e a psicologia das cores, a paleta usada com tons de azul que significa o infinito, a cor púrpura que significa mistério e o verde que significa renovação. A foice e a ampulheta nos cantos superiores obviamente simbolizam a morte e o tempo. A escolha das flores ao redor do caronte não foi por acaso, esta flor chamada amor-perfeito tem seu significado de pensamento e recordação.

⁶ Graduanda de licenciatura em Artes Visuais pela Faculdade de Artes do Paraná - Curitiba, Paraná. E-mail: mariritter00@gmail.com.

Portanto, o mistério permanece até os dias de hoje, há os céticos e também os religiosos, todos tentando se agarrar em algo para acreditar, porque o que ocorre após a morte continua sendo desconhecida para todos.

Fanzine V: Maria Vitória de Souza Ribeiro Dias⁷



Figura 5: Maria Vitória de Souza Ribeiro Dias

A figura feminina, negra, LGBTQ+ e de periferia, centralizada e com grande destaque na imagem, busca mostrar o protagonismo das parcelas sociais que têm o seu cotidiano imerso em situações em que a morte é comum; e, trazendo o contraste da vida (áreas com cores diversas e expressivas) com a morte (regiões de tonalidade cinza), elementos como as casas, o turbante e a roupa, se contrapõem aos lixões e esgotos a céu aberto, a arma e as marcas de bala, que juntamente com a quantidade de sangue explicitam a violência e o descaso que acarretam em números exorbitantes de óbitos precoces. Para evidenciar a ideia central apresentada, a frase recebe destaque com o

⁷ Graduanda em Direito pela Universidade Federal do Paraná – Curitiba, Paraná. E-mail: mariavitoriasouzab@gmail.com.

GRISON, Everton
Fanzinagem filosófica sobre o medo da morte

fundo branco e as letras pretas. Por fim, a arte visa refletir e repensar as questões raciais e sociais de nossa sociedade

Fanzine VI: Autoria: Willian Schenfeld Calvario⁸



Figura 6: Willian Schenfeld Calvario

A morte é algo muito incerto pensando de várias maneiras: por que morremos? para onde vamos? iremos para o paraíso ou apenas iremos se decompor e ser comido por insetos nesse mundo? O que deixaremos nesse mundo? A fanzine trata sobre essas incertezas que rondam o tema da morte.

Podemos ver um ser, representando a morte, vagando em um local sombrio e escuro, conforme esse ser vai andando, as preocupações, problemas, medos e incertezas de nós humanos em torno do tema da morte vão se fragmentando e se tornando parte desse cenário sombrio. Vemos relógios representando a morte natural, a explosão de uma bomba, representando o medo das pessoas que vivenciam a guerra, também há um cemitério e um livro, representando essa insegurança de deixar um legado nesse mundo, quando morrermos vamos ficar apenas em um cemitério ou vamos ficar gravados na história de alguma maneira? As últimas três imagens, uma escada para um lugar cheio de luz e paz, um crânio sendo comido por insetos, e abaixo um

⁸ Graduando em Sistemas da Informação pela FESP – Curitiba, Paraná. E-mail: willian-calvario@hotmail.com.

lugar vermelho, com um calor extremamente forte aparentemente, essas três imagens representam toda a incerteza do pós-morte, que é debatido por diversas crenças e ideologias.

Enfim, ninguém tem certeza do que esperar da morte, a qualquer momento podemos morrer, a questão fica, devemos temer esse mal desconhecido?

3. Considerações Finais

Filosofar, em grande medida é um tipo de experimentação tomando por base as ideias, conceitos e textos escritos pelos grandes filósofos ou por seus comentadores, mas seria reducionista entender a filosofia apenas por este viés. É o equivalente a torná-la um grande campo que pensa a partir de (pensadores consagrados, comentadores etc.), como se fosse a área por excelência do comentário, ou seja, da exegese. Em verdade não é um problema o trabalho filosófico exegético, visto que é muito importante para a compreensão e progresso das ideias. A questão está em ver a filosofia unicamente como trabalho exegético.

Ao se pensar a filosofia e sua presença no ensino básico e até em cursos técnicos ou superiores, nos quais o escopo formativo principal não está relacionado com as humanidades ou com a área de educação, seu sentido e significado não precisam estar apenas encerrados no âmbito da leitura e análise de textos (JUNIOR, 2020). E ,aqui, sentido e significado são compreendidos como fatores que indicam ou conduzem a um certo ponto, como um objetivo a ser alcançado, mas sem pressupor uma espécie de ponto de chegada que se esgota em si mesmo. A chegada acaba por ser um novo momento de partida.

A partir disso, a filosofia é vista como um trabalho de educação e comunicação de complexidade articulada (CORNÉLIO, MATOS, 2020) pensada no intuito da conexão direta com os filósofos, filósofas e seus textos, nas suas diferentes matizes e amplitudes, com distintas ideias e conceitos. Trata-se mais de busca que certeza, de encontro que é mais que finalização, que é processo mais que conclusão.

É uma constante experiência de pensamento, atividade que é percebida pela figura de Sócrates na Grécia antiga. O filósofo grego vivia em prol do mover-se pelo pensamento filosófico e em direção a ele. Desta maneira, seu viver era uma espécie de

GRISON, Everton
Fanzinagem filosófica sobre o medo da morte

atuação artística, de busca constante, ou seja, de experiência investigativa, muito para além de uma postura de caráter dogmático. Experimentar nesse sentido que se quer ressaltar é aperfeiçoar a alma, para manter um referencial próximo de Sócrates. E ele desafiou a todos que fizessem o mesmo e pagou o preço mais alto, tendo a vida retirada por pessoas que não aceitavam esta experiência de movimento do pensamento.

Esta mesma experiência está conectada com a posição socrática diante da morte. Não é possível temer a morte, pois temê-la é pressupor-se sábio sobre aquilo que não se é. Trata-se, portanto, em iludir-se no interior de crenças de sabedoria que não são efetivas, visto que não são o resultado próprio da experiência filosofante, pelo contrário, se inscrevem no curto trajeto da aceitação passiva.

Sócrates é um provocador e, nesse sentido, a estrutura do fanzine é bem vinda para os dias atuais, seja pensando no ensino de filosofia nas mais variadas etapas de formação, pois sua estrutura provoca o pensamento. O trabalho com a imagem concreta, com o recorte, as colagens, os desenhos, as pinturas, ou até mesmo as produções gráficas realizadas em computadores com o auxílio de programas e recursos virtuais, contribuem para a construção de experiências de pensamento, visto que as imagens fazem pensar, mesmo que não sempre de forma completa, e ataçam o pensamento a se contrapor, seja para concordar com o que foi apresentado ou rechaçar veementemente.

O fanzine colabora para materializar esta proposta socrática do exame de si e dos outros, na busca de uma vida que valha a pena ser vivida, isto é, de uma existência que não seja mais uma em meio a tantas, destituída de cor e sentido, limitada aos olhares e significações propostas pelos outros, que podem trancafiar a amplitude do olhar no ponto da pura aceitação passiva e banalizada. A partir disso, ele contribui nessa direção, ou seja, no combate do reducionismo existencial, pois representa um imensurável espaço de expressão.

Pensar a filosofia não apenas como simples notas sobre os textos dos outros, sejam pensadores consagrados pela história da filosofia ou pesquisadores menos conhecidos, exige compreender que sua manifestação nos diferentes âmbitos de ensino deve imperativamente representar um campo no qual se pode falar, apresentar, se contradizer, retomar, reelaborar e permanecer em constante processo. Essa percepção tem de ser clara, pois o espaço ocupado pela filosofia, ao longo da sua história milenar,

nunca foi cativo e garantido, e em democracias pouco consolidadas como a brasileira, isso se torna fator de urgência coletiva.

Esse espaço do poder falar, apresentar, discutir propriamente pode ser percebido nas produções dos fanzines, que fazem parte desse estudo. Seria simplista e traidor impulsionar-se, mesmo que sob o amparo das mais variadas categorias estéticas, na busca de reduzir cada uma das produções às explicações enquadradoras. De maneiras diferentes, estabelecendo relações distintas e propondo leituras e interpretações mais diversas ainda, seja pelo olhar dos autores e autoras sobre o texto platônico, pelas suas trajetórias reflexivas, pelos materiais e técnicas escolhidas ou ainda, pela própria natureza aberta e plural da produção artística do fanzine, percebe-se em todos o espaço de expressão filosófica do diálogo.

Este diálogo, ou ainda uma espécie de comunicação do diferenciado, não tenta sobrepor nenhuma das diferentes linguagens uma sobre a outra, isto é, texto sobre fanzines ou fanzines sobre o texto. Em verdade, ocorre uma experiência de pensamento que preserva o texto clássico e a centralidade da discussão acerca do medo da morte, pois temer a morte é temer o desconhecido, se colocando no patamar de sábio sobre aquilo que não se é. Essa experiência pensante abre espaço, a partir da manifestação artística, permitindo que o texto seja posto em comunicação com a realidade mais latente vivenciada por todos, isto é, a pandemia da Covid-19, que já infectou mais de um milhão de brasileiros e vitimou fatalmente mais de cinquenta e seis mil pessoas, até o momento no Brasil.

Os fanzines dialogam a partir do texto e com o texto, expondo demandas antigas e não resolvidas da sociedade brasileira, conectando as reflexões de Sócrates a um contexto completamente outro que aquele vivido pelo pensador. É importante notar que essa transposição é complexa e pode ser bastante prejudicial para a reflexão originária do pensador, no sentido de uma deturpação do texto e dos conceitos. Entretanto, o que se apresenta aqui é justamente um processo de comunicação, que se esforça em manter uma certa lógica textual, mesmo que o referencial investigado seja um pequeno excerto, além de apresentar a originalidade própria de cada produção, abrindo diferentes vertentes reflexivas, pensando o texto, os conceitos e as produções no interior próprio da filosofia. Sendo assim, há um parto das ideias e uma vez paridas, elas não pertencem

GRISON, Everton
Fanzinagem filosófica sobre o medo da morte

unicamente a seus autores e nem se limitam a produção de textos ou fanzines. Elas comunicam por si só, estão no mundo e apresentadas à crítica.

Referências bibliográficas

ANDRAUS, Gazy. *Minhas experiências no ensino com os criativos fanzines de histórias em quadrinhos e outros temas: um preâmbulo acerca dos tines (ou fanzines) e sua importância educacional*. In: NETO, Elydio dos Santos; SILVA, Maria Regina Paulo da (orgs.). *Histórias em quadrinhos e práticas educativas: o trabalho com universos ficcionais e fanzines*. São Paulo: Criativo, 2013, p. 82-93.

CORNÉLIO, Camila Gallindo; MATOS, Junot Conérlio. *Filosofia, Educação e Comunicação: o trabalho docente como complexidade articulada*. In: BODART, Cristiano das Nezes (org.). *O Ensino de Sociologia e de Filosofia Escolar*. Maceió: Café com Sociologia, 2020, pp. 209-232.

GRISON, Everton. *A Manifestação Artística do Fanzine como Técnica e Tema para o Ensino de Filosofia*. In: TAVARES, Renata (org.). *Arte na Escola: caminhos*. São Paulo: LiberArs, 2018.

JUNIOR, Williams Nunes da Cunha. *Os Sentidos do Ensino de Filosofia no Ensino Médio: uma abordagem fenomenológica*. In: BODART, Cristiano das Nezes (org.). *O Ensino de Sociologia e de Filosofia Escolar*. Maceió: Café com Sociologia, 2020, pp. 179-208.

MAGALHÃES, Henrique. *Fanzines de histórias em quadrinhos: conceito e contribuições à educação*. In: NETO, Elydio dos Santos; SILVA, Maria Regina Paulo da (orgs.). *Histórias em quadrinhos e práticas educativas: o trabalho com universos ficcionais e fanzines*. São Paulo: Criativo, 2013, p. 52-67.

_____. *O que é fanzine*. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Coleção Primeiros Passos)

MALTA, André. *Introdução*. In: PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Introdução de André Malta. Porto Alegre: Lp&m Pocket, 2010.

MUNIZ, Cellina (org.). *Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si*. Fortaleza: Edições UFC, 2010. (Coleção Diálogos Intempestivos).

PLATÃO. *Diálogos: Apologia de Sócrates*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1970.